

Pesquisa FAPESP nº 2021/04556-0
ENTREVISTA COM A2
Cidade: Araraquara (São Paulo, Brasil)
Entrevistada: A2, 58 anos, comerciante
Entrevistador: Rodrigo Sartori Bogo
Local de realização da entrevista: Casa dos Conselhos de Araraquara, sala de reuniões

TRANSCRIÇÃO

Entrevistador

- Comecei agora, A2. Aí só para... Tem a parte da burocracia da pesquisa, né? Que isso faz parte da questão ética mesmo da investigação científica e tal, que é... A primeira coisa é que eu preciso que você fale seu nome completo e autorize a gravação.

A2

- Ok. Meu nome completo é A2 e eu autorizo essa gravação, sim, com certeza.

Entrevistador

- Perfeito. Então, da minha introdução, da minha parte, né? A minha pesquisa, como te falei, eu sou [entrevistador], eu sou estudante doutorado na UNESP de Presidente Prudente e a minha pesquisa é sobre o impacto que os orçamentos participativos têm em cidades médias. Então, cidades do porte de Araraquara. Araraquara é um dos meus estudos de caso, mas tem também Maringá, é uma cidade que eu estou estudando e outras duas cidades estrangeiras que têm portes parecidos. E isso faz parte de um projeto maior nosso que tem pesquisadores de oito universidades, que nós estamos estudando cidades médias no Brasil para identificar as mudanças da urbanização brasileira, quais foram as mudanças nas cidades nos últimos 15, 20 anos no Brasil. E o nome da pesquisa é Fragmentação Socioespacial e Urbanização Brasileira. E, enfim, tem toda... assim, sempre que você quiser mais detalhes, a gente tem... a pesquisa é financiada pela FAPESP, que é a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. - **Certo.** - E sempre tem... eles são super abertos em relação aos projetos, ao que eles estão financiando, então é muito fácil conseguir, por exemplo, a descrição do projeto, quem está participando, enfim, é super transparente nesse sentido. E aí a ideia é que eu vejo o orçamento participativo como um vetor de transformação da cidade. É um instrumento institucional de urbanização, de gestão urbana. Então eu gosto de ver como que o OP se dá nesse contexto de mudança das cidades brasileiras, né? E por isso que eu estou entrevistando pessoas-chaves para esses meus estudos de casos. Então A2, a primeira coisa que eu gostaria de perguntar dentro dessa pesquisa, que eu agradeço muito a tua presença aqui, tua disponibilidade, é que você fizesse... só desse o perfil seu, assim, falar sobre a sua idade, a sua escolaridade, a profissão, enfim, a tua trajetória pessoal até chegar no orçamento participativo.

A2

- Ok, então vamos lá. Eu sou uma pessoa que eu não conhecia a política como um todo. Porque é aquela coisa, as pessoas normalmente elas acham que "ah, não preciso saber disso", né? Então quando meu marido era vivo, ele faleceu agora dia 27 fazem três anos, ele era muito participativo em tudo. Tudo que você imagina meu marido ele fazia, ele gostava, se você poderia estar dialogando com ele com qualquer tipo de assunto. Cultura, esporte, política, ele era uma pessoa muito centrada em tudo, tá? E ele sempre queria me envolver na política, muitas vezes ele falava "não, vamos", tal, e eu nunca me interessei

porque geralmente nós mulheres, quando nós temos uma pessoa que cuida da gente, a gente não tem aquela coisa "ah, não preciso aprender, ele faz, eu não preciso saber", ele faz, entendeu? E foi onde eu peguei e falei assim, "não quero não saber", "não, mas vamos", e ele insistia. Bom, enfim, ele faleceu e de repente eu me vi sozinha, onde eu precisei aprender, aprender a me superar, né? Porque até então quando você tem alguém você... tá tudo certo, você não consegue fazer "ah, mas a outra pessoa faz", e não, quando você se vê sozinha naquele momento, eu comecei a querer conhecer, me interessou mais a querer conhecer a política e eu comecei trabalhando com um deputado. Aí juntamente com esse deputado a gente teve a dobradinha de uma outra deputada, não sei até se eu posso falar o nome, né? - **Pode, fica à vontade.** - Eu comecei trabalhando na campanha do Arlindo Chinaglia e aí veio a dobradinha com a Taynara Faria. E nesse meio tempo, como eu sou uma pessoa muito participativa, eu sou uma pessoa que se eu falar para você "eu vou, a não ser que aconteça uma coisa muito grave", mas eu sempre procuro cumprir com o que eu falo. E aí eu comecei a me envolver muito com a ação da política e como as pessoas me viam muito e eu converso bastante, né? Eu sempre falo bastante e eu gosto disso, eu gosto de estar no meio das pessoas, eu gosto de conversar... como dizia meu marido, eu sou uma política mesmo, uma mulher política, porque eu sou desse jeito, eu nasci com esse dom e aí eu peguei e comecei. Aí fui convidada a participar de uma votação que eles iriam escolher presidente do Orçamento Participativo, então teriam outras pessoas e eu estaria junto ali para tentar ser uma delas, né? E veio a surpresa que realmente eu fui escolhida como presidente do Orçamento Participativo. - **Do COP, né?** - Do COP, isso, o COP ele é Conselho de Orçamento Participativo. E aí eu comecei a trabalhar bastante com eles, a gente fazia muitas visitas... eu comecei a conhecer a fundo o que é o COP. Então, hoje...

Entrevistador

- Isso foi quando? A tua eleição?

A2

- Agora em junho vai fazer um ano, porque na verdade lá é anual, agora parece que vai mudar, né? Mas era, sempre foi anual, então a gente entra como presidente do orçamento por um ano, depois faz uma nova votação. Agora vai ter uma nova votação, mas parece que vai ser de dois anos daqui para frente. E foi assim que eu comecei a minha trajetória aí na política. E sou muito grata porque eu aprendo muito com eles, e a gente acaba ensinando também um pouquinho.

Entrevistador

- E antes de estar envolvida no COP, você não tinha envolvimento com Orçamento Participativo?

A2

- Não, eu não conhecia o Orçamento Participativo, né? Então eu nunca tinha assim... Por eu não ter muita vontade de conhecer a política, então eu nem me envolvia. Então eu não conhecia. Então eu vim a conhecer agora a partir de um ano.

Entrevistador

- E aí, só para entender, porque o OP aqui em Araraquara ele é bem forte, né? Ele é conhecido nacionalmente, e até por isso que eu tô estudando esse caso aqui. - **Ok.** - Mas quanto tempo você mora? Se você é daqui? Só para entender a inserção na cidade.

A2

- Sim, eu sou araraquarense. Eu moro em Araraquara, agora que eu voltei, já faz uns 12 anos. - **Voltou de São Paulo, né?** - Isso, eu nasci em Araraquara, só que eu me casei, fui para São Paulo, morei dez anos em São Paulo e retornei aqui já vai fazer uns 12 anos que eu retornei para Araraquara. Só que assim, eu não procurava ir atrás da parte política, né? - **Sim.** - Então agora que eu ia... Araraquara eu conheço, eu sou araraquarense de sangue, eu tenho até orgulho de falar isso, porque minha cidade realmente está sendo um exemplo de cidade. O COP hoje ele é um parâmetro, é a espinha dorsal, como dizem, do projeto da nossa cidade, porque realmente a participação popular é uma coisa que a gente tem um diferencial, porque são as pessoas mesmo que gritam, elas falam "eu preciso disso", é isso. Então a gente vai lá, a gente vê o que é realmente necessário e quando é realmente necessário, eles mesmo se juntam, porque isso que é bacana no orçamento participativo, é a união da população, tá? Então não é só um que vai responder por aquilo, é um todo, então não é só eu que quero, eu posso querer, mas às vezes não tem essa necessidade de fazer. Só que no momento que você tem mais de um, é aquela coisa, né? Você tem três, quatro, cinco, dez, vinte, aquilo já começa a chamar atenção para as autoridades, porque realmente aquilo ali deve ter algum problema, porque não é um ou dois que tá falando, é um bairro, é uma comunidade que tá pedindo. Então é onde nós vamos e a gente, dentro das plenárias, dentro das reuniões que a gente tem, a gente faz aquele levantamento. A pessoa, por exemplo, ela mostra o que é, fala sobre o problema que tá tendo e ali é escolhido quem que realmente precisa mais, mas não é escolhido por nós [COP], é escolhido por eles. Por exemplo, tem três projetos, só que naquele bairro as pessoas, elas falam assim "ah, eu quero que faz", mas a pessoa não participa, então acaba não sendo escolhido, você tem que estar participando. Porque não adianta você falar, "olha, eu tô com uma goteira aqui" e não fazer nada, deixar aumentar aquilo lá, não é verdade? Então, já aconteceu de caso de, até inclusive com o que eu defendi no postinho do Paulistano, que é um postinho de saúde que tem aqui na cidade, que eu trabalho assim... ali na minha região que trabalho, região 6, e o postinho estava com uma rachadura imensa de fora a fora, de fora a fora, na parede, no chão e todo mundo reclama, lógico, e dá até medo, parece que [se] você empurrar com a mão assim a parede cai. E aí eu fiz, convidei as pessoas "vamos, tal, tal, não sei o quê", no dia, por incrível que pareça, era dia de Santo Antônio, São João e tal, e teve uma festa grande na cidade, aqui na cidade tem festas muito grandes em igrejas... e assim, confirmaram 50 pessoas, e falei "bom, tá ótimo". Só que de repente, no dia, na hora, foram 17. Eu apresentei o problema, eu mostrei em vídeos, em fotos, o que estava acontecendo, todos ali realmente acharam que era o problema mais sério que tinha dos três [projetos]. Só que o que aconteceu? Só tinha 17 pessoas para votar, então as pessoas, elas não se atentaram que elas precisavam ir, porque já diz o nome, "participação popular".

Entrevistador

- Isso foi na plenária regional, então?

A2

- Na plenária regional. "Participação popular". Só que o que acontece, não foram, aí um outro bairro, que também estava ali, que eram três, de uma coisa menor do que o problema que nós tínhamos, tinha 32 pessoas. Então é por isso que eu acho assim, as pessoas, elas têm que, por exemplo, elas têm que se focar mais no que elas querem. Três dias depois, deu uma chuva muito forte na cidade de Araraquara, tá, o que aconteceu? Nesse mesmo postinho, estava tendo muita infiltração, goteiras e tal. Aí colocaram um balde no meio do posto com as pessoas que estavam para ser atendidas ali, como estava chovendo muito, aquele balde começou a pingar e um repórter da cidade, que eu não vou falar o nome, que eu acho que não tem necessidade, veio ali e colocou em rede social... assim, tipo, escrachando mesmo [falando] "ah, porque eles não melhoram isso?", entendeu? Aí foi onde eu vim em defesa do orçamento participativo, falei, "há três dias atrás aconteceu orçamento que a gente poderia estar levantando essa verba, para poder estar fazendo isso", então quer dizer, não adianta a população vir reclamar e não ajudar, entendeu? Porque é muito fácil reclamar, ir lá em rede social, falar isso e aquilo, mas a gente precisa que vocês sejam cientes que aquilo ali tem um problema, que eu vou junto com o todo ajudar a resolver, né? E foi isso que aconteceu, então, assim, eu defendo muito o COP, o orçamento participativo, porque realmente as autoridades maiores, elas dão voz a nós, só que depende de cada um, né? Depende de cada um e hoje, como eu digo, muita gente é leiga no assunto de política, mas nós vivemos política no nosso dia a dia. Então nós precisamos tentar nos focar mais, assim, tipo, no conhecimento de que que é [a política]. Gente..., mas porque falar, qualquer um fala, se ensinar um papagaio falar, ele vai falar, entendeu? Mas vamos resolver, né? Não adianta a gente só ficar falando, só cobrando, porque é complicado uma pessoa sozinha tomar conta de uma cidade como Araraquara e saber de tudo, porque nem tudo chega até ele, até as autoridades. Muita coisa chega só ali naquele grupinho de, vamos dizer, entre aspas, de "fofoqueiro" que estão querendo falar mal do que acontece. E o COP veio para isso, para a gente... para dar voz à população.

Entrevistador

- E como são as suas funções dentro do COP, porque é uma atividade não remunerada, né? - **Sim.** - Fala um pouco sobre quais são as atribuições, as atividades que vocês fazem, a carga de trabalho?

A2

- No meu caso, como não é remunerado, tem que ser mesmo por amor, tá? Então, eu, como eu te disse no começo, quando eu pego para fazer, se eu gosto eu continuo, se eu não gosto eu já paro. Mas como é uma coisa que realmente eu senti que eu posso, que eu quero e que eu vou estar ali... como que funciona? Todas as plenárias que tem eu participo, todas as visitas que têm eu participo, a população não só de um... porque é que nem eu digo, como presidente do COP eu não tenho que estar só num bairro, só num

lugar. Não, eu tenho que, é tipo uma fiscalização, eu fiscalizo as obras, eu fiscalizo o que aconteceu, o que está acontecendo, o que já foi entregue, e eu respondo para a população as dúvidas. Então, por exemplo, se eu não sei, eu venho aqui, pergunto para o A5 ou para A1, que são os responsáveis que ficam aqui dentro, que estão... e levo para a população, então as pessoas vêm em mim e questionam, "ah, mas essa reforma está demorando e tal", então, peraí, se eu não sei, se eu sei, normalmente é para mim saber, né, porque eu estou sempre acompanhando, mas se eu não sei, eu venho aqui e falo "olha, essa reforma assim, assim e assim". Eu pego as informações corretas, porque não adianta você falar o que você acha, você não tem que falar o que você acha, tem que falar o que é. Porque se a reforma vai durar dois anos, a gente tem que ser sincero, "ah, mas eu queria que fizesse para amanhã", não, não dá. Então, você tem que ter aquela forma de chegar e explicar para a pessoa o motivo que não dá para ser.

Entrevistador

- É, uma coisa que ontem na plenária, não foi bem a plenária... esqueci a palavra... enfim, o evento, a assembleia ontem, teve um debate bem profundo sobre essa questão da exequibilidade dos projetos e o que está entrando no OP e, às vezes, não pode ser executado, ou é muito caro e não dá para fazer, ou demora para fazer, demora três, quatro anos para fazer a obra, né? E aí estavam discutindo a possibilidade de ter, talvez, um crivo técnico nas sub-regionais, enfim, estava tendo todo um debate sobre o desenho, hoje, de como que isso se dá. E qual é a tua opinião sobre isso, A2, como que está hoje, no OP?

A2

- Então, é assim, como eu te disse, como eu sou há um ano presidente do OP, tem reformas, tem algumas plenárias que foram ganhadas antes de mim entrar, tá, e que ainda não foram concluídas. Eu acredito que... não que não foram concluídas porque eles [a prefeitura] demoram, não, não é. É porque, justamente por causa disso, eu vou te dar um exemplo: a gente tem uma chuva feia que teve aqui em Araraquara e derrubou algumas ruas da cidade, acho que você - **Sim, foi bem famoso isso.** - Tá. Então, uma das pontes que caiu, ela estava em execução. Só que o que acontece? Essa ponte tinha embaixo dela uma mina. Então, o orçamento que veio para essa ponte foi de X, só que quando eles chegaram ali, eles viram que o problema era bem maior do que aquele valor que tinha vindo. Então, dentro disso, o que acontece? Aí tem que ter todo aquele levantamento de custo, de licitação, de o que que a gente precisa, quantos profissionais a gente precisa para resolver aquele problema, não estava no orçamento daquele lá. Então, o que aconteceu? Acabou que atrasou, eles deram prazo para a população de X, só que atrasou por conta daquele problema que tinha lá. Não adiantava nada eles terem reformado aquilo ali e ter deixado aquele problema, porque amanhã depois poderia vir outra chuva, que a gente nunca sabe o que vai acontecer, e em vez de melhorar ia piorar a situação. Então, foi onde atrasou. Então, eu acho que tem que ter sim, uma data, porém, sem aquela coisa. A gente não sabe se aí vai ter algum problema, vai achar um outro problema, entendeu? Então, às vezes a população ela cobra demais e ela não tá dentro do problema para ver. Então, cada um tem... por exemplo, o engenheiro foi lá, fez todo o trabalho dele, só que fizeram uma coisa ali que não poderia ter sido feita, aí vai ter que demolir novamente para poder

fazer novamente. Então, tem imprevistos. A gente tem que ter o prazo geralmente... é que nem a gente tá falando, a população ou a gente mesmo, a gente tem aquela ansiedade de ver aquilo pronto, de ver aquilo reformado, só que não é bem assim. Na minha casa mesmo, eu vou reformar um banheiro, eu não vi que embaixo ali não tinha o esgoto, então, quer dizer, como é que você vai... você tem que, né? Então, tem que ter um prazo maior e eu hoje eu vejo que na gestão do nosso atual prefeito é muito rápido muitas coisas aqui, só que se realmente tem algum problema, se realmente o orçamento sair do controle, aí não tem como, né? Porque não é o dinheiro dele que vai vir, aí tem todo um trâmite de vir o dinheiro de outro lugar, entendeu? E é isso que a gente tem que conscientizar as pessoas.

Entrevistador

- Perfeito. Então, só pra entender, A2, além do COP, tem algum outro espaço político que tu faz parte aqui em Araraquara? Porque você comentou que você vai como candidata a vereadora agora na eleição, né? - **Sim.** - Então, há algum outro espaço ou não?

A2

- É, não, atualmente eu... como eu sou, como eu te disse, sou muito participativa, eu gosto muito, sou muito fuçada, como diz as pessoas, né? É curiosa e a curiosidade minha, a vontade minha de estar perto das pessoas, eu fui convidada a sair como pré-candidata a vereadora agora no partido do PP, que é o partido do vice-prefeito da cidade, partido do Damiano Neto. E, assim, eu... justamente no começo eu fiquei meio assustada, mas assim, conforme vai passando os dias, isso está me deixando com mais vontade, mais garra, porque realmente eu vejo, para você ter uma ideia, esses dias nós fizemos uma reunião e onde estava a pré-candidata à prefeitura Eliana Honain, o pré-candidato à vice-prefeito Delorges e o vice-prefeito Damião. O que aconteceu? As pessoas são muito leigas, são muito leigas e isso daí que me dá força para estar na política. Porque da mesma forma que eu era leiga e hoje eu entendo um pouquinho mais, eu quero levar esse conhecimento para as pessoas. Tinha uma senhora que ela é professora de ensino médio, e ela fez uma pergunta que me deixou muito, assim, surpresa. Ela falou assim, "qual é realmente a função de um vereador?". Para você ver como as pessoas, e ela é professora, para você ver como as pessoas são leigas na política. E é isso, hoje eu tenho 58 anos, com 13 anos eu parei de estudar para ajudar minha família, condições não tinha, com 15 anos eu engravidei, tenho três filhas, quatro com a... eu peguei uma para criar com 15 dias de vida, então eu tenho quatro filhas, três filhas biológicas e uma filha de coração [e] sete netos. Meu marido quando faleceu, ele sempre... eu sempre quis voltar a estudar, eu nunca consegui, porque toda vez que eu ia não tinha mais vaga. E depois que eu trabalhei com a Taynara [Faria], com o pessoal, eles conseguiram... que arrumaram o ano passado e eu voltei a estudar. Então, hoje, eu tenho muito conhecimento, então eu quero assim, dizer o que? Muitas pessoas não têm a oportunidade disso e é essa a oportunidade que eu quero levar para as pessoas, por isso que eu quero tentar uma cadeira na câmara. Porque eu sei que como eu, tem muita gente por aí que está perdida, não sabe como que funciona, entendeu? Então eu tenho alguns projetos para a cidade de Araraquara já, assim, não formalizado, mas assim, de cabeça, já coloquei na agenda, e o que eu mais quero é abraçar essa população, porque eu vejo que é qualquer classe, não é só a classe

pobre, não. Essa senhora mesmo, ela é uma pessoa... é uma senhora, mas é uma professora, e ela, nesse assunto ela é leiga, então a minha vontade é isso, entendeu? É levar para a população da cidade de Araraquara o que a gente representa, o que a política representa na nossa vida todos os dias, quem somos a gente. E não é para um bairro que eu quero trabalhar, eu quero trabalhar para um todo, para a cidade. A função de um vereador não é fiscalizar ali aquele miolinho onde está, não. É fiscalizar os quatro cantos da cidade, cidade num todo, não adianta você falar assim "ah, eu vou ajudar isso daqui". Você pode ajudar um, dois dias, três dias, mas o problema sério está sendo do outro lado da cidade, você está ali, parado ali, não. Então vamos juntar tudo e ser útil para um geral. - **Perfeito.** - E é isso.

Entrevistador

- E deixa eu perguntar, então você não veio do movimento social. Você chegou no COP, participou do COP, tudo... aí, está tendo esse processo agora em relação a... como pré-candidata-vereadora, né? - **Sim.**
- Só que você falou que, por exemplo, teve uma problemática ali associada com a região 6, que a tua região levou para o COP para debater, não chegou a ser eleita, então eu queria saber quais são as principais prioridades que são defendidas dentro do OP pela sua região? Quais são as que mais aparecem?

A2

- Então, como eu te disse, como o COP ele é a participação popular e não foi a quantidade de pessoas que deveriam ter ido para poder ganhar aquele orçamento, tem um olhar todo dedicado a um outro projeto que esteve em votação e não conseguiu, tá? Então, o prefeito ele tem todo esse cuidado com "nossa, mas esse daqui era o que tinha que ter ganhado", porém quem ganhou pela participação, que foram mais pessoas do outro [projeto], foi esse. Então, o que acontece? A verba que vem para a cidade, para aquele orçamento, ele sempre tem uma verba a mais e ficaria o segundo. Então, o primeiro que ganhou, só que também vamos dar prioridade, tanto que ele não foi ganho, mas dois dias depois eles foram na unidade, eles viram realmente que lá precisava de uma reforma e eles também colocaram um valor para poder ser... ele ficou em segundo lugar, entre aspas em "segundo lugar", porque realmente era um problema sério, não era um problema assim... foi a Defesa Civil, esteve lá no local, não era um problema de desabamento, porque se há um problema assim de "nossa, vai acontecer alguma coisa, vai cair e tal", que realmente eles veem que tem um perigo, eles fecham a unidade, tá? Eles priorizam e eles já estão arrumando ali também. - Justo. - Então quer dizer, isso daí não fica esquecido, não é porque ele não ganhou que ele não tem a verba, não, ele vai ter sim, porque ele também necessita. Porém o primeiro, que ficou em primeiro lugar ali naquela lista, na planilha ali, foi o que tinha mais pessoas participando.

Entrevistador

- E era... qual projeto foi esse vencedor?

A2

- Foi o do Jardim América, um CR no Jardim América. - **Centro de referência?** - Centro de referência das crianças, acho que é das crianças, isso.

Entrevistador

- É que tem essa divisão em temas, né? - **Tem.** - E quais são os temas que você tem visto mais aparecer no COP, vindo das demandas? Eu sei que a educação tem bastante... pessoal se movimenta bem forte em relação a educação. Mas outros temas além disso?

A2

- Sim, a educação. Eu acho que é um pouco de tudo, mas a educação, a saúde... a saúde e educação é os primeiros, né? Aí eles têm muito cuidado também com os idosos, hoje em dia está muito, por conta do racismo, LGBTQIA+, a população negra tem as plenárias, então, eu acho que é um todo, viu? Não tem assim que eu falo "olha, esse daqui eles..." não, eles cuidam, eles têm cuidado de cuidar... lógico que não dá tudo de uma vez, mas eles têm cuidado de abraçar todos da forma que eles conseguem cuidar de todos, gradativamente, e não fica assim uma... bem-estar animal que eu acho que é bem, hoje em dia, na cidade de Araraquara tem uma, tinha uma carência muito grande nessa parte de bem-estar animal, porque hoje os veterinários, a parte animal, ela é muito acolhida pela prefeitura, porque tem... eles estão fazendo um espaço, eles ganharam também no orçamento participativo. A única coisa que eu acho que ainda falta, que é uma das minhas projetos [sic], é uma UPA animal móvel, tá? Um socorro móvel, porque na cidade de Araraquara tem muito animaizinhos soltos aí nas ruas, às vezes as pessoas abandonam, e assim, é que nem criança, a gente tem um carinho que a gente vê. Esses dias mesmo apareceu lá no meu serviço, pequenininho, sabe? Eu não levei para casa porque eu tô de moto, não tinha como, aí ontem eu vi nas redes sociais que a criança doente por causa do cachorrinho era justamente o que estava lá, agora, você entendeu? Então você não sabe, hoje em dia tem muita maldade também, e eles têm esse cuidado com cachorrinho[s], porque o que o cachorro vai fazer de mal para a pessoa, sabe? Se a pessoa cuidar direitinho... e é isso, eu acho que é de um todo... os idosos também, a gente tem um carinho muito grande, tem a plenária dos idosos que vai muita gente, porque a gente tem que ter muito respeito por eles, né? Porque é deles que hoje se a gente tá aqui, teve um idoso lá atrás que fez parte da nossa vida. Então, é isso, eu acho que no COP eles abraçam um todo. O Edinho [Silva, prefeito] ele é um gestor dentro da cidade de Araraquara muito competente nessa parte. Principalmente na saúde. Saúde, as pessoas falam, pode falar quando aconteceu o lockdown e tal, mas o Edinho sempre... eu tenho, a minha filha hoje tem 23 anos. Eu, quando eu vim, quando ela era bem nenemzinha, essa é a minha filha que é de coração. Quando ela tinha seus seis meses, a gente morou, eu e meu marido, moramos aqui dois anos, bem no início do nosso casamento, e ela... e meu marido trabalhava em São Paulo, e eu ficava sozinha em casa, e minha filha tinha muito problema de bronquite. Eu morava no Barbieri, que é um prédio que tem aqui na cidade, e assim, de madrugada, duas, três horas da manhã, a menina acordava mal, e eu sozinha... e o que que acontecia, eu ligava, não demorava meia hora, a ambulância já estava na porta levando. Eu falava a idade da criança, eles já estavam na porta, e era a gestão do Edinho. - **Primeira gestão do Edinho, né?** - Primeira gestão do Edinho, foi em 2001. Então, meu marido sempre... ele sempre falava

"olha, não tem melhor cidade para saúde que Araraquara". A gente é muito grato, porque minha filha, ela tinha crises muito feias, entendeu? A Helena era muito... ela tinha uma bronquite muito forte, e ela acordava muito mal, e foi na primeira gestão do Edinho, em 2001.

Entrevistador

- Justo, e foi... você percebe alguma diferença nessas demandas que aparecem, por exemplo, o orçamento participativo está atendendo demandas da população, e aí elas vão mudando com o tempo. Comparado com a tua vivência aqui em Araraquara, por exemplo, as necessidades da cidade mudaram ao longo do tempo, tu achas que...

A2

- Não, eu acho que mudou bastante, eu acho que mudou bastante. Porque assim, lógico que a gente nunca imagina que vai ter um problema ali na esquina, mas aquele problema aparece, e o orçamento participativo está ali para resolver. Semana passada mesmo, teve um incêndio criminoso na praça, na esquina da minha casa, o pessoal já foi lá para cuidar, porque foi até o pessoal do orçamento participativo, fez um evento lá, limparam a praça, pintaram, arrumaram, tiraram vários matos de lá e tal, e estava linda a praça. Só que assim, infelizmente, tem as pessoas que não têm ainda a consciência de que aquilo ali é deles, então eles querem fazer maldade, querem fazer... puseram fogo criminoso, estouraram um lugar lá que tem uma quadra muito grande, ali que o pessoal joga bola e tal, e eles deixam um cano lá que tinha uma torneira pra tomar água, para pôr água pros cãesinhos também, que às vezes vão passear ali na praça com os cãesinhos, e arreventaram tudo, estouraram, sabe? E aí o pessoal da população foi lá, então agora eu até vou levar umas ideias, agora para o orçamento participativo, que é de que tenha no orçamento participativo, dentro das praças, uns... por exemplo, festinhas de finais de semana, e que tenha alguma segurança ali, ou câmara, ou um guarda que fique 24 horas. Porque não adianta nada, a gente faz, faz, faz, faz, dentro do orçamento participativo, a pessoa vai lá e estraga. Já aconteceu de o orçamento participativo arrumar duas quadras na cidade de Araraquara, e dentro de um ano aquilo ali parecia que era coisa abandonada de anos. Então eu vejo esse olhar atento dentro do orçamento participativo, porque eles destroem, a pessoa vai lá, conversa com a população e retorna, todo mundo, entendeu? Só que eu acho que tem que ter um programa também, na minha opinião, de conscientização de problemas da cidade. As pessoas, elas têm que começar a se conscientizar que tudo aquilo ali tem um custo, teve um trabalho bem feito, e elas precisam... tanto as crianças, porque as crianças fazem as coisas que os pais, as que elas veem os pais fazendo, né? Como os pais, mostrar que aquilo ali é deles, foi feito para eles. Esses dias mesmo eu vi um pai com uma criança, ele estava tomando um refrigerante, não sei, aí ele passou e jogou dentro de um bueiro. Então eu acho que tem que ter um programa, no meu ver, eu até tô com esse programa também pronto, programa para que a gente conscientize as pessoas de que lixo é pra jogar no lixo, você entendeu? Aquilo ali tá bonitinho, tá arrumado, a prefeitura foi... porque, gente, é a mesma coisa que você reformar sua casa, vir alguém ali e quebrar as paredes. Então eles têm que ter essa conscientização. "Gente, isso aqui não é fácil a gente conseguir, por não ser fácil a gente conseguir, a gente tem que ter um cuidado todo especial". O que

adianta muito? Você faz para [ficar] bonito, aí vem lá o pichador, picha as paredes, suja, quebra os vidros, é complicado.

Entrevistador

- E essas mudanças, essas demandas foram sendo atendidas apesar dessas problemáticas, você falou que teve uma mudança ao longo dos anos. Você acha que ela se dá mais nas regiões periféricas, pobres da cidade, ou é meio que equilibrado?

A2

- Vou ser sincera, na minha opinião sim. Na minha opinião é nas periféricas. É na população mais... por isso que eu digo para você que temos que ter um projeto de conscientização, um estudo, uma reunião todo mês com aquela população, conscientizar, porque geralmente é na periférica sim. É nos bairros mais carentes, no bairro de... entendeu? Que são justamente os bairros que têm problemas com químicos, usuários químicos, então esses aí também são problemas. Hoje em dia a gente vê em Araraquara também, não só em Araraquara como no Brasil, muitos moradores de rua que têm um programa bacana para eles, nós temos aqui a casa do acolhimento, só que eles não aceitam. Na minha opinião, eu acho que a gente tem que trabalhar eles, porque assim, toda pessoa quando ela percebe que a vida dela mudou para melhor, ela vai continuar na melhor. Ninguém quer ficar andando nas pedras sendo que tem a grama ali, as rosas, entendeu? Então esse programa é muito importante para a cidade, e a dependência química hoje não é só de jovens, não, não. A gente vê de pessoas de mais idades, que eram pessoas que eram para dar exemplo para os jovens e eles estão se viciando, mas por quê? Porque aí tá faltando alguma coisa, é aí que a gente tem que pegar, entendeu? Por que você quer ver seu filho nas drogas? Tem muitos que até ajudam, vão lá e compram droga junto com o filho, eu acho que isso daí é bem complicado, não é só em Araraquara... e aí aonde vai, não tem dinheiro para um aluguel, não tem dinheiro para uma comida, pega uma troca de roupa e vai morar na rua. Então é bem, é um trabalho bem cansativo, porém se der certo vai ser gratificante.

Entrevistador

- Certo, e falando mais da atuação no COP, A2, você teve alguns conflitos ou alguns embates com outras pessoas aqui da cidade, tanto seja cidadão ou do meio político?

A2

- Não, que eu me recorde não. Eu sou uma pessoa muito, assim, de... como é que fala, de boa, sabe? Eu não tenho problemas não, porque eu acho assim, ó, o que não me preenche eu não levo para mim não, porque não adianta. Não adianta você, às vezes, discutir com a pessoa, tal, se a pessoa acha que ela tá certa vamos respeitar, se eu acho que tô certa... só que assim, eu falo muito [risos], porque às vezes eu falo algumas coisas que é a minha opinião, só que não é porque é a minha opinião que eu vou brigar com a pessoa e fazer ela ter a minha opinião. Não, ela tem a dela. Se um dia ela vier achar que a minha é legal

vamos juntar as duas, e a dela também pode ser legal. Então a gente... eu não tenho esse tipo de briga não com ninguém, eu sou uma pessoa muito de boa.

Entrevistador

- Ok, certo. E você comentou um pouco sobre a, por exemplo, a mobilização que vocês fizeram pra UBS, que, enfim, não venceu aquela plenária, mas depois recebeu investimento. Existe alguma, por exemplo, alguma organização ali na região 6 que vocês fazem passeatas ou falam alguma coisa na rede social ou é só dentro do contexto das plenárias que tem a mobilização?

A2

- Então, é... porque assim, como eu disse no começo, os vereadores, normalmente eles falam assim, "ó, cada região é de um vereador", eu sei que tem um vereador ali que disse que cuidava dali, mas eu particularmente nunca vi, nunca teve nada, entendeu? Inclusive eu quero ver se eu faço esse tipo de trabalho porque eu acho que é necessário ter uma comunidade que esteja agora... eu estou fazendo essas reuniões por conta disso mesmo. Mas assim, eu nunca vi nada não, é só mesmo ali na... - **Dentro do OP.**
- Dentro do OP mesmo.

Entrevistador

- Certo. E... Deixa eu só ver qual que era a pergunta que eu ia fazer agora. E como que vocês fazem a organização dos conselheiros no OP? Você como é a presidente, né, então, tem ali toda uma organização, como que funciona o ciclo de reuniões e...

A2

- As reuniões são feitas aqui na casa do conselho, tá? A gente tem um grupo [de Whatsapp] onde a A1, ela joga no grupo os dias das reuniões, e a gente se reúne. Aí no dia da plenária, da escolha do presidente, um pessoal maior dentro do governo também, as pessoas que trabalham no governo que participam, e é na biblioteca municipal, que é o espaço maior, onde vai muita gente, e ali é feito como nas plenárias do orçamento participativo, é feito uma votação para os candidatos, para os que estão, querem ser presidente ou querem ser vice-presidente, é feito uma votação ao vivo ali para todo mundo ver, para todo mundo assistir. E quem levar mais votos é o que vai ocupar a cadeira no momento, foi dessa forma que foi feito meu, entendeu? Teve um dia, acho que teve cinco pessoas que estavam participando para a presidente do COP, eu era uma delas, e eu levei a vontade maior nos votos ali, dentro da...

Entrevistador

- E aí vocês vão presencialmente nas regiões, nas 12 regiões para ver as questões depois que elas aparecem nas sub-regionais?

A2

- Sim, geralmente nós vamos, a presidente do COP ela não tem necessidade de acompanhar o começo, o princípio, só se realmente querer. Eu por exemplo, no caso eu quis, eu ia, eu quero ver, eu quero tocar, eu quero conhecer melhor, então eu ia, mas não tem toda essa necessidade. A presidente do COP ela tem que saber responder as perguntas da população e saber o que está acontecendo na região, necessariamente ela não tem que estar pessoalmente fiscalizando, quem fiscaliza... eu faço porque eu gosto e eu acho que é necessário, eu, tá? Mas ela não tem, por não ser remunerado, não tem a obrigação de estar indo fiscalizar, isso daí já é parte do pessoal que é remunerado dentro do COP [OP].

Entrevistador

- Certo, e aí uma pergunta um pouco mais de opinião pessoal. Você considera que existem outras áreas de Araraquara, outras regiões, outros bairros que necessitam mais investimentos do que a sua comunidade?

A2

- Eu acredito que sim, porque Araraquara está crescendo muito. Araraquara, eu mesmo que moro aqui há muitos anos, esses dias fiquei surpresa, surpreendida, num bairro novo que se chama São Bento, ele está crescendo assim muito, muito. E eu faço entrega de motinha, né, então eu acabei indo para aqueles lados lá e ali está começando...

Entrevistador

- Em qual parte da cidade que é?

A2

- É atrás do Cemitério dos Britos, mas muito para lá, muito para lá.

Entrevistador

- Sabe dizer qual região que é? Ou é para o norte, para o sul da cidade, qual parte que é?

A2

- É para o norte, é muito. E assim, agora começou, inclusive não tem padaria, não tem nada, é um bairro novo. Porque Araraquara, assim, você pisca, está crescendo, graças a deus, a cidade está ficando bem grande. E eu fui lá e falei "nossa, eu nem sabia que tinha esse bairro aqui", mas está começando, acho que tem assim, vamos por aí, umas 30 casas, sabe, um bairro bem pequenininho ainda, tanto que a gente desce, tem um descidão, que não tem... é tudo aberto, aí depois lá em cima que você vai ver nas casinhas que tem, acho que é bem legal. E eu acho que sempre tem que ter, sempre tem regiões que está necessitando, porque Araraquara ela cresce num todo. Então, às vezes você... não é só aqui no centro, não, o centro a gente já conhece, Vila Xavier a gente já conhece, já tem projetos, alguns lugares já têm. Só que esses bairros que estão vindo novos, que é os que a gente tem que já começar. E o COP, ele faz isso, né? A gente cuida bastante disso, porque eles são bem atentos, 24 horas. Tadinho, eu falo que eles

trabalham incansavelmente, realmente, é um trabalho incansável, porque é todo dia, na rua. Eu como presidente eu vou, mas não é todo dia, porque eu também tenho a minha, eu tenho que trabalhar num outro lugar, né, mas eles que estão aqui dentro é bem... e eles não têm horário, né? Entra às 8 da manhã e vai até 10 horas, 11 horas [da noite], dependendo o evento, dependendo a plenária, entendeu? Então, é aquela coisa, é gostar, porque às vezes não adianta você fazer só por ser remunerado, você tem que gostar do que você faz.

Entrevistador

- Claro, e você tocou num ponto que eu já queria trazer, que é em relação a justamente essa questão da urbanização e do crescimento da cidade. Você falou que por exemplo, está saindo bairros novos, e esses bairros que necessitam de investimento público porque muitas vezes não têm nada, como você vê a influência do "Minha Casa, Minha Vida" na cidade? Porque você falou que voltou a morar aqui faz 12, 13 anos, né? Mais ou menos o período ali que teve esse surgimento de grandes conjuntos do "Minha Casa, Minha Vida" e também de outros... ah, prédio, verticalização, outras formas de morar. Queria saber qual a tua opinião sobre esse impacto na cidade, se isso mudou algumas coisas aqui em Araraquara?

A2

- Ah, mudou muito, né? Mudou muito. Porque assim, o "Minha Casa, Minha Vida" é um programa que é para a população mais carente, mais vulnerável, que realmente... Araraquara, ela, nessa parte de habitação também, essas casinhas da prefeitura, faz assim, a diferença total na vida de uma família, né? E as minhas duas filhas têm casa popular. Na época, acho que a primeira gestão do Edinho também, elas pegaram essas casas e o custo, você sabe que o pessoal até brinca, você paga um aluguel, mas você paga um dinheiro que é um dinheiro que você está sabendo que aquele dinheiro é seu, vai ser seu, não é um... porque o dinheiro, eu costumo dizer que o dinheiro do aluguel... eu pago aluguel, costumo dizer que o dinheiro do aluguel é um dinheiro que vai e não volta, você entendeu? Mas o momento que você sabe que aquilo ali é seu, sabe? É mais gratificante. - **Casa própria, né?** - Casa própria. O "Minha Casa, Minha Vida", então dá a oportunidade das pessoas a estarem tendo uma vida digna, que é isso que a gente quer para a cidade, que é isso que a gente quer para a população, para as nossas crianças, entendeu? Então no momento que sai essas oportunidades de conseguir é uma felicidade só, porque realmente isso daí eu vejo que o olho do Edinho Silva brilha cada vez que ele dá essas casinhas. Que eu já vi várias vezes, a gente acompanha muito, eu já vi várias vezes ele entregando as casinhas. Além da pessoa, sabe, poxa, é um dinheiro que você pode comprar uma misturinha melhor, é um dinheiro que você... você entendeu? É uma coisa bem diferente, então eu acho que é muito importante, principalmente para a população de baixa renda, para a comunidade, essa casinha, essa habitação aqui em Araraquara. E não é, olha, não fica só na... muitas vezes essas casas são mais bonitas que muitas casas grandes por aí, porque o morador, ele, quando ele começa a cuidar dali, ele tem um carinho tão grande... eu já vi casas popular, que eles investiram, de um tanto que você entra naquela casa lá, você não fala que é uma casa popular, você entendeu? Porque realmente são os pedreiros que fazem as nossas casas que compram essas casas e começam a deixar elas mais bonitas que a nossa, inclusive [risos]. Então é bem bacana.

Entrevistador

E você falou que a questão da habitação, então, tem um... é uma pauta importante aqui em Araraquara.

- **Sim, sim.** - E ela aparece no orçamento participativo?

A2

- Não, a princípio não.

Entrevistador

- Você não tem visto ser debatido, ser trazido como uma demanda?

A2

- Pois é, agora você dizendo, eu acho que é uma demanda que poderia estar sendo trazida sim, mas nunca vi, não. Essa parte da habitação, que é muito importante, né? Aí você deixou até um ponto de interrogação aqui para a gente fazer um projeto sobre, porque realmente é trazido outros tipos de pautas, mas essa da habitação não.

Entrevistador

- É, só para, enfim, só para dar um exemplo, em Belo Horizonte, que tem um orçamento participativo forte, né? Eles chegaram a ter um orçamento participativo voltado só para habitação. - **Bacana.** - Só para ver as áreas da cidade que precisavam e enfim. Claro, Belo Horizonte é uma cidade muito maior, com mais dinheiro. Mas...

A2

- Sim, sim, sim. Mas é uma ideia, né? Nada que um projeto a longo prazo que não consiga, né? E é uma pauta que a gente pode estar levando sim. Porque não tem essa parte da habitação no orçamento participativo. Eu, pelo menos não conheço, não.

Entrevistador

- E, certo. E mais ou menos quantas pessoas têm participado das... quantas famílias, quantas pessoas têm participado ali nas reuniões regionais ali? Especialmente na região 6, que é o que você conhece.

A2

- Olha, depende muito do dia, depende muito é... - **Da área também.** - Da área... Porque é como eu te disse, né? Tem região que as pessoas são mais... como eu posso dizer, são mais unidas. Então elas vêm em mais grupos. Tem região que já não tem essa união. Porque você sabe que hoje em dia as pessoas, infelizmente, têm aquelas pessoas que... ah, brigou com a vizinha, não conversa com a outra, não conversa com a outra... e acaba que distancia aquela comunidade. Aí tem aquelas comunidades que têm um líder. Então aquele líder é querido ali, aquele líder consegue juntar mais pessoas. Então depende

muito, depende muito do dia, de quem está fazendo, de quem está liderando. Já teve dia de ter 60 pessoas, já teve dia de ter cinco. Então aí é muito relativo, né? Também depende muito do dia, da hora, da onde vai ser, tem todo esse... tem que ter todo esse cuidado para que as pessoas participem.

Entrevistador

- E qual a tua opinião sobre a quantidade e a qualidade dessa participação no OP?

A2

- A minha opinião é que a quantidade, quanto mais pessoas tiverem, melhor. Porque são opiniões diferentes e que é isso que a gente quer, uma democracia de opiniões diferentes, porque eu tenho uma opinião, você tem outra e vamos juntar todas, quem sabe vai dar um eixo bacana. E a participação deles são muito importantes. O que mais você perguntou? Desculpa. - **Sobre a qualidade da participação.** - A qualidade, a qualidade também tem que ser uma boa qualidade. Não adianta chegar lá também querendo falar coisas que não estão dentro do tema, entendeu? Então a pessoa tem que se focar e ter uma qualidade de perguntas, de... Que nem eu mesmo esses dias, eu estava na reunião [conferência territorial], acho que você até estava antes de ontem, né? Que a A1 estava fazendo uma pergunta e eu estava focado então em outra coisa que eu até respondi outra coisa. Então a minha qualidade naquele dia não foi boa, você entendeu? Então eu tiro por mim, mas não é às vezes pela pessoa, é às vezes pela... Você tem que estar focado no que está acontecendo. A qualidade tem que ser uma qualidade boa, tá? E quem está ministrando aquela reunião tem que estar atenta no que a pessoa está falando. A A1 estava atenta no que eu falei e ela falou "A2, não é sobre isso que a gente está falando". Aí eu falei "nossa, é verdade". Então eu até pedi desculpas que realmente eu estava sem ver, então, todos erram. - Claro. - Todos, né? Mas eu acho que a qualidade tem que ser uma boa qualidade, sim. Principalmente na, como eu disse, na pessoa que está ministrando. Porque às vezes ela vai confundir as pessoas que estão ali, dependendo da forma que fala, foi o que aconteceu comigo.

Entrevistador

- Certo. E tem um elemento importante dos movimentos sociais, hoje brasileiros, e da questão comunitária, que é a participação das igrejas. Tanto a igreja católica quanto a igreja evangélica, elas têm papéis diferentes, mas elas têm uma presença social muito grande, uma atuação grande, às vezes até na política. E tu vê isso em Araraquara? Tu vê isso no OP, de alguma maneira? Isso tem aparecido?

A2

- Não. - **Não? Tá.** - Não. Não vejo, também outra coisa que... Eu vejo no OP os imigrantes, né?

Entrevistador

- Os imigrantes?

A2

- Os imigrantes, sim. E muito forte, por incrível que pareça. - **Interessante.** - Muitíssimo forte. Tivemos um evento que a Renata Bratfisch fez aqui na biblioteca, que quase não coube essas pessoas, de tanta gente que teve. Os imigrantes, eles estão muito juntos com a gente no OP. Isso é muito bacana, interessantíssimo. Porque ideias que eles trazem de outros países, de outros lugares, para dentro ali, da gente, da nossa comunidade, porque na verdade Araraquara abraça os imigrantes, né? Então Araraquara aqui tem muitos imigrantes, e estava muito cheio. Eu me surpreendi nesse evento.

Entrevistador

- Legal. E esses imigrantes, eles são de que países, mais comumente?

A2

- Tem vários países, viu? É coreano, é estrangeiro, são muitos ali. Eu não sei te dizer exatamente, era até bacana você falar com... se você conseguisse fazer uma entrevista com a Renata, que ela é da... - **Qual que é o nome dela?** - Então, sobrenome dela eu não vou lembrar. Mas ela é bem... - **Pode me mandar depois.** - Eu vou te mandar depois, é, vou te mandar depois, tá? Nossa, ela que cuida dessa parte dos imigrantes, eu acho que é bem interessante você falar sobre. E ela também é do governo.

Entrevistador

- Legal. E uma coisa que eu acho importante, A2, que vou até elogiar nesse sentido, é que você tem comentado como o OP é um espaço político. Não deixa de ser um espaço político, né? Você está discutindo questões que envolvem a cidadania, que envolvem a política no sentido mais amplo, né? E como que é trabalhado esse caráter político do COP com as pessoas? As pessoas veem o COP só como um espaço de política partidária ou veem ele de uma outra maneira? Como que isso é discutido dentro do COP?

A2

- Então, é... Eu não vejo discutirem sobre isso dentro do COP. Nossa, você tem umas ideias, inclusive... Eu não vejo discutir isso porque... Assim, as pessoas só discutem o programa, o projeto que está sendo implantado. Tipo assim, a preocupação do COP hoje é pelo que eu passei nesse um ano, tá? Eu estou dizendo pelo que eu vi. - **Sim.** - A preocupação deles hoje não é sobre o que a pessoa... Não, é sobre o projeto que está sendo feito. É porque como eu acho que tem muita gente que vem e cobra muito "Ah, porque aquela... aquele..." - **As demandas mesmo.** - As demandas, só das demandas. - **De infraestrutura, de programa, de política pública e tal.** - Isso, exatamente. Eu acho que não tem esse cuidado, esse olhar para esse lado que você está dizendo, que você fez a pergunta.

Entrevistador

- Tá. Eu vou virar a pergunta um pouco e perguntar se, por exemplo, tem casos de pessoas que não participam porque acham que "Ah, isso aí é coisa do PT, isso aí é coisa do Edinho..." - **Sim, sim.** - Existe isso?

A2

- Existe. Existe. Infelizmente tem essa... - **Associação?** - É, tem essa associação, tem essa... Tanto que esses dias eu fiquei muito feliz porque eu consegui fazer com duas pessoas que eram do outro lado a começarem a ter um olhar para esse lado, né? Que eu acho que é importante. Porque hoje, se sair esse governo que está aqui, se deus quiser não vai sair, para tudo, entendeu? Então, eu acho que... É esse programa de conscientização que eu digo, eu repito o que eu já disse e repito para você, nós temos que ter em cima das pessoas. "Gente, mas isso aqui é bom". Não, mas não é porque é do Edinho, não é do Edinho, é da cidade de Araraquara. Você entendeu? "Ah, porque eu não vou votar nessa pessoa porque é de tal partido". Não é no partido, é na pessoa que você tem que ver. É a pessoa que vai cuidar de um todo. Entendeu? Então, as pessoas, elas confundem muito isso. Ah, porque é da direita, porque é da esquerda. E tem gente que não adianta, viu? Eu falo que o outro lado, eles fizeram uma lavagem cerebral de uma forma tão grande na cabeça das pessoas que a gente não consegue voltar as pessoas à real situação, você entendeu? Elas foram feitas uma lavagem cerebral que é aquilo e é aquilo. Não é bem por aí. Não é verdade? No meu modo de ver. Mas tem muita gente... Ó, para você ter uma ideia, quando eu estava trabalhando, cuidando da campanha da Taynara e do Arlindo Chinaglia, que eu estava... Eu não digo trabalhando porque não estava recebendo. Eu não era remunerada, só que eu estava acompanhando o trabalho deles e eu estava apoiando. E eu punha nas minhas redes sociais fotos e tal. Tem gente que escrevia assim para mim "você vai comer cachorro.", você entendeu? "Para de ser louca". Eu tenho uma empresa que chama [nome da empresa], uma lista telefônica online. Então eu vivia disso na época. Só que eu perdi uns 40 clientes naquela fase da campanha, e os clientes falavam, e até hoje "você vai comer cachorro, você está com esse pessoal..." Sabe, até hoje viraram a cara comigo. Só que eles não entendem que a política ela tem que ser conhecida, entendeu? Você não tem que falar mal do outro lado, nem desse lado. Você tem que conhecer, conhecer para poder defender, para poder... E eu conheço muito bem esse programa, conheço muito bem esse projeto e não quero que acabe, e não vai acabar, com certeza.

Entrevistador

- Perfeito. E eu estou chegando ao final da entrevista, A2. Agora vou fazer umas perguntas um pouco mais... assim, gerais no que envolve a relação do OP com a cidade. Então, como você acha que o OP... Como é que ele contribui para a resistência e na luta pelo direito à cidade das pessoas? Você acha que ele contribui nesse sentido?

A2

- Muito, muito. Contribui sim porque é a melhoria para a cidade, né? Então a gente precisa da melhoria para ter uma qualidade de vida melhor em tudo. Acho que contribui muito, acho que tem que... Que continuar assim. É lógico que sempre vai ter um questionamento sobre, mas eu... na minha opinião pessoal, contribui sim.

Entrevistador

- E você acha que o OP tem um impacto positivo contra a desigualdade?

A2

- Sim.

Entrevistador

- Certo. E para finalizar, você acha que o OP é um instrumento para a justiça territorial? Para a justiça social, para a justiça, enfim, entre os territórios, entre as regiões da cidade?

A2

- Olha, eu acho que sim também. Porque... eu não entendi direito a pergunta.

Entrevistador

- Posso reformular de novo. - **Vai [risos]** - Tem essa ideia, para explicar também, tem essa ideia de que o OP, o Edinho fala isso, né? Na posição dele, ele vê o OP como um objeto para atingir justiça, fazer com que as pessoas estejam mais igualitárias, seja um objeto de justiça. Então quando eu falo de justiça territorial é que a cidade esteja mais igualitária. Tem acesso aos serviços, tem acesso à qualidade de vida de maneira mais... por exemplo, as áreas periféricas têm acesso a mesma qualidade de vida que o centro tem. Isso é justiça territorial. Você acha que o OP atua nesse sentido, tem esse objetivo?

A2

- Sim, sim muito, porque é assim, é como diz o Edinho mesmo, vamos lá, entre aspas, né? "O poder saiu da mão daquele que está no poder e está na mão das pessoas, está na mão do povo". Então isso daí é a justiça, porque assim, não adianta ele falar "olha, eu vou fazer um prédio aqui", o Edinho, "vou fazer um prédio aqui", mas esse prédio aqui vai prejudicar as pessoas da cidade. Então isso daí é muito importante, o Edinho ele tem esse olhar cuidadoso sobre isso. E o OP faz isso, porque não é o olhar do Edinho Silva prefeito, não, é o olhar da cidade como um todo, da população. "Edinho, eu preciso disso", "ah, você precisa? Então vamos ver o que a gente pode fazer", você entendeu? Ele atende as necessidades da cidade com o OP. O Orçamento Participativo atende as necessidades, não só do centro, como dos bairros, como da periferia, como da cidade inteira. Ele não vai escolher "olha, eu vou trabalhar na zona norte", não, mas a zona oeste está precisando mais, entendeu? Então é a população que fala, é a voz do povo, e não a voz do governante, que isso é muito importante.

Entrevistador

- Então você acha que isso está sendo atingido em Araraquara? Essa justiça?

A2

- Muito, muito. Na minha opinião sim, e eu acho que na opinião de muitos. Mesmo quem fala contra, no fundo, no fundo, se olhar, vai aceitar que está sendo sim. Porque não está sendo promessas, está sendo feito, entendeu? Porque não adianta você prometer e não cumprir. Então, dentro dessas necessidades que as pessoas precisam, está sendo feito e visto que está sendo feito, entendeu? As pessoas cobraram a ponte que caiu muito tempo, só que a hora que ficou pronto, ninguém foi lá e falou que estava bonito, que estava pronto, entendeu? Então as pessoas... é que nem eu te falo, as pessoas, elas cobram na hora que está ruim, mas quando está pronto, por que elas não vão lá e fazem um vídeo, fazem uma chamada e falam "olha gente, parabéns ao prefeito"? Não, porque a necessidade delas é só bater, mas na hora que está tudo certinho, ninguém vai lá elogiar. Então isso daí, a gente faz e não fala, não tem que ficar falando, quem vai falar, quem vai gritar, quem vai pedir é o povo, não o Edinho. O Edinho vai lá buscar as verbas, entendeu? Que também não depende dele, também não depende de uma só pessoa. "Ah, porque o Edinho é rico", o Edinho não é rico! E se for também é dele, ele fez para merecer, você entendeu? Mas aquele dinheiro para aquela instituição, para aquele local, para aquilo que tem necessidade, não é dele. Então as pessoas, elas não têm essa conscientização de que não depende só de mim. É lógico que eu quero cada vez coisa melhor, eu quero um carro, eu quero um avião, mas eu não tenho condições para isso, você entendeu? Então eu aceito isso. As pessoas não aceitam, elas acham que no momento o Edinho está de prefeito... e posso te falar? Vai ser a vida toda assim. Não vai ser para o Edinho, não vai ser [para] qualquer um que vier, tanto o prefeito como presidente da república, como qualquer autoridade, sempre vai ser cobrado. Nem Jesus Cristo agradou a todos, então é complicado.

Entrevistador

- Certo. E tem algum comentário que você queira fazer ao final? Algo que você acha que faltou da entrevista, que você queira falar?

A2

- Não, eu só quero agradecer a oportunidade de estar falando aqui com você, parabenizar você pela tua forma de ser, pelo seu grau de instrução que já tem, eu com 58 anos às vezes fiquei meio assim... - **Não, isso não tem problema nenhum.** - Não entendi a sua pergunta, parabéns mesmo pela pesquisa, agradecer o pessoal da OP, agradecer ao Edinho, agradecer à cidade de Araraquara, porque é aqui que eu nasci... eu vivi um tempo longe, mas um bom filho a casa torna, e é isso, eu quero agradecer a todos e dizer que quanto mais dificuldades e mais desafios tiver enquanto eu estiver viva eu quero enfrentar. Porque eu sou essa pessoa que eu sou teimosa [risos], desafiadora, que eu gosto de desafios e vamos para mais um, né? Ontem, como eu falei em off para você, ontem eu peguei o ensino médio, eu terminei o EJA, então tudo isso também devo à cidade de Araraquara, à prefeitura, que tem esse programa também do EJA no Brasil, que é muito importante para gente que não teve a oportunidade lá atrás. Não só eu, tinha na minha sala meninas de 26 anos, que pararam de estudar e agora completou o EJA, então isso também é muito, muito assim... o governo tem um olhar muito bonito para isso e é necessário, precisa sim. Muito obrigada.

Entrevistador

- Eu agradeço, agradeço mesmo, e não agradeço só em nome de mim, mas agradeço em nome da UNESP de Presidente Prudente. Agradeço pela sua disponibilidade, pelas respostas, pela conversa tranquila e queria reiterar que essa conversa tem um caráter científico, que eu já te falei no começo, em off, eu vou utilizar só as suas informações de maneira não identificada e está sempre disponível para você, se quiser depois receber a pesquisa, ver, entrar em contato, tirar dúvidas tanto eu quanto a universidade, meu orientador também, o professor Arthur Whitacker lá da UNESP, a gente está sempre aberto e disponível.

A2

- Muito obrigada mesmo, gostei muito e assim, ficaria batendo papo com você o dia todo [risos]. Muito obrigada viu.

Entrevistador

- Muito bem A2, vou parar aqui.

Fim da transcrição